

**O DEMONIO DO
OURO, ROMANCE
ORIGINAL, VOL. I**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649257829

O demonio do ouro, romance original, Vol. I by Camillo Castello Branco

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

CAMILLO CASTELLO BRANCO

**O DEMONIO DO
OURO, ROMANCE
ORIGINAL, VOL. I**

ROMANCES NACIONALES

ROMANCES NACIONAES

O DEMONIO DO OURO

ROMANCÉ ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

I VOLUME

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA E COMP.^ª

68—Praça de D. Pedro—68

1873



PQ
9261
C3D45
11

LISBOA

TYP. EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^ª
67—Praça de D. Pedro—67
1873

O DEMONIO DO OURO

I

João Verissimo Vieira, mestre de primeiras letras na villa da Povia de Lanhoso, em 1750, era homem de bem, e sufficientemente intendido no seu magisterio. Tinha estudado para padre, e promettia então, com o porte exemplar de sua mocidade, vir a ser modêlo de clerigos; mas, aos vinte e um annos, quando já revestia sobrepeliz e garganteava psalmos nos mortuorios, viu em hora esquerda uma pobre quanto esbelta môça de olhos tão feiticeiros que não houve mais deseniçar-se d'ella.

Estes amores correram clandestinos até ao lance em que lhe cumpria ao minorista desviar-se da vereda do sacerdocio para caminho mais insilveirado de espinhos, como usa ser o da honra, quando ella por ahí vem a remediar culpas.

João Verissimo, apesar de seus pais, que antepunham a batina á honestidade do filho, casou pobre, e começou desde logo a ensinar rapazes na Povoação de Lanhoso, sabendo da freguezia de Geraz, d'onde era natural.

E vivia resignado, se não contente, instruindo-se nas horas feriadas do ensino, e esperando que o pai, mais ao diante, lhe perdoasse por amor de Deus e por amor á honra.

Debalde esperou.

Quando nasceu a primogenita de quem elle fiava a reconciliação com a familia, o avô não quiz ser padrinho. A recusa doeu-lhe no coração de pai, mas levemente perturbou a serenidade do homem probo. Dizia elle com a filha nos braços e as lagrimas na face: « Olha, mulher, se esta innocentinha não fez o milagre de me restituir a amizade de meus pais, é que Deus o quer assim, e não ha que esperar. Vivamos, como até aqui, do nosso trabalho.»

—Pois sim;—dizia Luiza, menos paciente—mas teu pai é máo homem! isso é elle!

—Não é máo; é do barro commum—emendava o marido—Tinha vontade de ter um padre em caza, por que o lavrador visinho ordenou o filho. Se este desejo procedesse do sentimento religioso, e não da vaidade, meu pai ter-me-hia obrigado a cazar contigo, a querer eu mentir a Deus e á sociedade, manchando o habito sacerdotal; mas a vaidade pode mais que o dever nas pobres almas ignorantes dos lavradores, onde a religião não entra acompanhada dos preceitos de bem-viver n'este mundo.

—Pois, sim, sim;—tornava Luisa, percebendo pouco das serenas reflexões do homem—; teu pai é tão

ruim de condição que te não ha de deixar nada... Tu verás, João...

—Alguna coisa me deixará; e, se não deixar, Deus lhe não peça contas á sua alma, que eu por mim dou-as por saldadas.

Este filial e christianissimo proposito seria bastante util á alma do lavrador no outro mundo, para onde foi, depois de haver dado o melhor do casal a outro filho, e inredado em hypothecas fraudulentas o restante da fazenda, por taes artes que João Verissimo apenas herdou umas courellas que lhe não rendiam o pão de dois mezes. Mas se os votos de Luiza pezarem na balança do supremo juizo, o lavrador penará no abysmo eternamente, dado que o marido por sua parte, quando a esposa lhe praguejava o pai, mentalmente pedisse a Deus perdão para a alma do defunto, e tambem para a ambição desculpavel da mulher, que aleitava com seio mal nutrido una filha creada para a extrema pobreza.

Esta filha era uma creança em extremo linda. A mãe havia sido uma das mais bonitas moças de Geraz, onde as houve de tal fama que já o padre Carvalho na *Chorographia*, nota de «formosas e presumidas» as raparigas d'aquelle sitio.

Chamou-se Eulalia a menina.

Como a sua infancia passou ao abrigo dos ardores e frios do clima, o alvor do rosto e mimo infantil não desbotaram, como acontece ás raparigas das aldeias, cuja belleza desmerece cedo. Eulalia era as alegrias e desvelos de João Verissimo, que indiscretamente a ia educando como se d'alli houvesse de passar á sociedade, ás salas, ás cidades, onde a intelligencia e gra-

ças espirituaes das mulheres dão realces á formosura. Luiza, bem aconselhada pela propria ignorancia, desavinha-se com o homem á conta dos estudos da rapariga; e, se as palavras eram inefficazes, arrancava ás mãos de Eulalia o livro, e punha-lhe a roca na cinta. Não obstante, a menina, antes dos sete annos, lia correntemente, e argumentava em arithmetica, e no mais, com Manuel, o melhor discipulo de João Verissimo.

Este Manuel era um rapaz, nascido em Rendufinho, filho d'uma jornaleira, que morrêra quando elle fazia um anno. Não tinha pai, pela mesma razão que a mãe não tivera marido. Se entre os homens, que passaram á porta da choupana, onde a jornaleira estava amortalhada, ia o pai da creancinha, que chorava em um berço de canastra, elle não se abaixou a tomar o orphão nos braços.

Manuel até aos cinco annos creou-se no regaço da Providencia. Só esta palavra divina explica o viver d'aquelle menino, que mendigava quando ainda não sabia proferir a palavra «pão»; e dormia, sereno e livido como um anjo de marmore, as noites de dezembro, nos alpendres dos lavradores e nos degraus dos cruzeiros.

Quando prefez seis annos, appareceu na Povoia em companhia de outros rapazinhos que iam á lição, com os seus saquitéos á bandoleira, onde levavam o alphabeto, a cartilha, a sentença, o pão da merenda, e o atarrachado tinteiro de chifre, com penna de pato. Manuel seguira-os embellezando n'aquelles utensis escolares. Viu-os entrar na escola, e foi depoz elles, apesar de o empurrarem com desabrimento.

—Que é isso?!—perguntou o mestre.